N.º 27 (149) — 3.º ANNO | Terça-feira, 16 de Maio de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
STUART CARVALHAES
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

— Venho receber esta decimasinha...
— Não ai nem guines.

Já lhe disse que não tenho chêta

Pois sim raia-te, que logo bebes...

Eu não te disse que bebias?!...

Relvas... e flores

Ora aqui teem os amaveis leitores e as amabilissimas leitoras uma semana com uma chronica sympatica e linda como os amores.

Semana de Relvas... e flores, a que acaba de fiindar, foi a semana mais catita que temos visto, toda cheia de gallas, de rozas e de sorrisos.

Pena foi que a Camara Municipal tivesse guardado a festa a Camões para mais tarde. Se Camões tivesse agora a sua festa, elle, que tanto gostou de flores, era capaz de resuscitar, ou enviar pessoalmente em carta registada, ao sr. Lacerda que falla com os mortos, uma poesia cantando Lisbôa, a Ilha das flores, *como dantes cantou a* ilha dos Amores.

E este assumpto bucolico, havia de dar, estou certo, ao grande poeta zarolho, azo até para um poema, pois não é admissivel que, dantes se cantassem Gamas, Alemqueres e quejandos e não se cantem agora os lindos Relvas do nosso coração.

Ai quem me dera ser poeta! O Zé Relvas, havia de ser cantado e recantado, erguido a toda a altura d'uns versos sublimes, até aos pauzinhos da lua, onde se havia de sentar á mão canhota de Deus Padre. Chamar lhe-ia todos os nomes bonitos que encontrasse no diccionario e havia de mostrar ás gerações futuras, ás forças vivas da nação, aos rapazes e as raparigas embasbacadas, o Zé de fóra, o grande Zé Relvas, que é da provincia, das planices doces da Alpiarça, das margens lindas do nosso lindo Tejo, e que de lá, o camponio, tão grandes beneficios vem prestar aos peraltas de Lisboa.

O Zé Relvas das Finanças havia de ver grego *commigo. Nada lhe deixaria por cantar; nem a pera de latão, nem a grenha emaranhada, nem os olhos morticos, nem a beiçola descahida, semelhante á dum ilheu.*

E digam se o não merecia? Digam se um homem, que dá um golpe tremendo na maroteira da decima, se um homem que tanto faz, não merece que mais lhe façam? Digam se não dá vontade de ir buscar o Camões ao outro mundo, e obriga-lo a pedir á sua musa Natercia licença para metter lá mais este luziada?

Mas deixemos o Relvas e passe-mos ás flores...

*

* *

As flores é um outro assumpto mais delicado. Relvas vá que ainda vá. É coisa nacional, é um Zé de fora como já disse, um Zé da provincia, um Zé que justamente por ser Relvas é bem portuguez, pois tudo é que nosso é rasteiro, humilde e bom.

É pois coisa luzitana; pode-se discutir á vontade que não é precisaa diplomacia, nem ha complicações internacionaes. Mas as flores não. Isso fia mais fino. As rozas são como as senhoras em que só se pode bulir com um certo geito e gosto... artistico.

É preciso cuidado que as rozas são cosmopolitas e eu não quero que o pae Bernardino, o Fallinhas-doces, *tenha questões e fallas azedas com os collegas de alem fronteiras. Tocarei pois muito ao de leve nas flores candidas e bellas, não lhe vá eu fazer cahir as petalas e com ellas e melhor da sua fragrancia.*

Lisboa a cidade de marmore e de granito, a rainha do Tejo, *(oh pordão, a* presidenta *do Tejo) aprezentou o regaço cheio de flores, aos congressistas estrangeiros, para recebe-los festivamente com aquella hospitalidade risonha, que como habito naturalissimo, herdou do pae o velho* reino *(oh com os diabos!) o velho paiz de Portugal.*

E se as flores não eram muitas diga-se em abono da verdade que nunca se viram tantas em Lisbôa,

Aquella rua do Ouro era um paraizo com montras cheias de flores, frontarias engalanadas de rozas e colchas de algodão.

Havia ornamentações lindissimas; em compensação o Grandella, parado e quedo a meio da rua, o monstro, dava-nos uma triste ornamentação de carácácá em logar de se tirar d'ali, (o mostrengo que estragava o conjuncto,) e seguir por bom caminho.

Havia coisas lindas, lindas. trabalhadas com gosto. As bandas tocavam e a multidão deslisava ora suavemente como o Tejo silencioso ao fundo, ora aos encontrões e apertões, tumultuosamente como um occeano escamado.

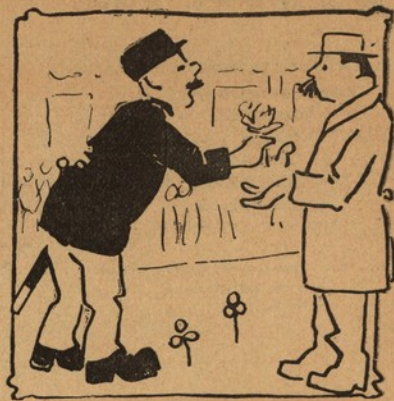
Havia homens a vender agua fresca e meninos finos que estavam mesmo a pedir agua; raparigas bonitas e raparigas feias; velhos e velhas a invectivarem os novos que os apertavam; novos e novas a mofarem dos velhos que sopravam cheios de calor.

Lisbôa estava ali em peso, de chapeu e de lenço, a apertar-se, a comprimir-se, a apalpar-se, a cumprimentar-se, a sorrir docemente, e a sorrir hypocritamente, (a malvada,) quando as bandas assassinavam ao mesmo tempo, com o assentimento da policia, a Portugueza e a Maria da Fonte.

Era uma festa de flores e uma parada militar. Podia-se contar por cada roza, um cavallo nacional, *provavelmente de Alter do Chão.*

A coisa tinha assim um ar marcial e os turistes que eram os menos que lá andavam, segundo me disse um policia que fala francez, gostaram immenso da festança, e foram de opinião que a Republica estava consolidada, pois até o pae do ceu adherira, vindo á tarde com umas barbas de nuvens muito compridas e um regador colossal, regar o horto adoravel. que era a rua do Ouro.

Tambem muito os impressionou a delicadeza nunca vista dos policias que se desfaziam em amabilidades e explicações, e os cavallos da nacional, que se arredavam para deixar passar as senhoras, baixando a cabeça cerimoniosamente como outr'hora os corceis fogosos, no encontro de D. Diniz com seu filho, á passagem de rainha-Santa Izabel.

Emfim, foi uma festa na ponta da unha, *e quando á tardinha a multidão ia passando as palhetas houve quem visse um* turiste *na rua do Ouro, parado ante o banco Lisbôa & Açores, a perguntar a um da civica qual dos trez leões de pedra que se veem na frontaria, era o sr. governador civil...*

Viu-se Grego

Excentricos

XI

O' Zé Relvas *pachola*, ó catitinha
Ministro desta patria *á pindureza*,
Em nome da sob'rana Madureza
Aqui de dedico esta ladainha.

Bendita seja sempre a tua pinha
Que aliviou a cilha da pobreza ;
O' bandas estafae a Portugueza
O' muzas inspirae a lyra minha !

Adeus ó escrivães da contra-fé,
Corujas do Camões, malinos mécos,
Almas sem compaixão !... Pois *cumié* ? !

Não mais nos citareis ó *badamecos* !
Já se acabou a decima p'ro *Zé*,
Relaxes e penhoras p'rós *tarecos* !

Viu-se Grego.

Não merece a pena

Um leitor da *Republica* quer as ruas da Baixa, sem lixos e cascas de laranja, para os congressistas não escorregarem.

Nas ruas da Alta não se fala porque nem passeios teem!

TYPOS

I

O Commendador

Mediu pipas de azeite, vendeu unto
Carqueja, ovos, arroz e salpicões;
Levou rija lambada dos patrões
E pesou muita arroba de presunto.

Tinha a faisca do genio a illuminá-lo
E depois de juntar algum *cacau*
Com que o cofre do dono quiz doá-lo
Vinte quintaes comprou de bacalhau.

Ao cabo de alguns annos tinha cobres
E era trunfo de peso e de valor
Pois até convivia com os nobres

O governo que o viu um bemfeitor
Sempre prompto a apagar a fome aos pobres
...Foi justo em o fazer commendador !...

Moreira Lopes.

Casos bicudos

Ora assim é que nós entendemos a Republica a Liberdade, a Egualdade e a Fraternidade. Assim é que nós gostamos de ver as coisas publicas e endireitam-se, a tomarem bom rumo, a porem-se, como se pode dizer, «na ponta da unha».

A decima da renda de casas, era a maior pouca vergonha d'este mundo. E como a maior pouca vergonha d'este mundo, como a coisa mais vergonhosa que o demo ao mundo deitou, ella acaba de ser abolida na parte que pezava ao verdadeiro «Zé Pacovio.»

Nem uma lei d'aquellas se podia conservar para honra da Republica.

Que a monarchia tirasse a pelle ao Povinho, vá: mas que a Republica a continuasse a tirar não era logico nem humano.

O sr. Zé Relvas, esse lindo barbichas do Ribatejo, essa cara direita que como Deus está em toda a parte (pois está no ministerio e nas nossas primeiras e central paginas) essa «caraunhaca» merece os maiores encomios, os mais quentes e adoraveis chôchos, os mais sacudidos e deslocadores apertos de mão.

O que tem uma graça extraordinaria, o que tem uma piada immensa é uma coisa em que «vocelencias» talvez ainda não fizessem reparo.

E' a linda cantiga d'alguns jornaes democraticos, republicanos historicos, jacobinos dos quatro costados, gazetas do povo e para... o povo, que logo a seguir á publicação da lei, vinham todos lampeiros a pedireu «para já» a abolição completa do imposto.

Esta é de primeira ordem, é mesmo pyramidal!

Os mesmos jornaes que achavam não se poder abolir completamente o imposto do consumo, o negregado imposto da fome, sendo de opinião que elle se abolisse apenas em parte, por cousa dos sacrificios economicos da Republica, querem agora, ali á preta, a contribuição de rendas de casa, posta de parte desde já, sem mais aquellas, nem demoras.

O imposto do consumo que beneficiava principalmente o pobre «Zé» que compra por miudo, está muito bem só em parte.

A contribuição de rendas de casa, tem que acabar por completo, e para já, pois os pobrezinhos que habitam casas de cento e cincoenta mil réis, não podem pagar.

Ora... manteiga, que o mesmo quer dizer que sebo!!

*

* *

Ora como nós tambem temos o nosso quê de historiadores, botamos historia, que a nosso ver, vae ao «pintar da faneca,» n'este momento historico.

Lá vae ella: Deixem passar.

Era uma vez meio litro de azeite que estava juntamente com outros, n'uma grande talha na despensa do lavrador «Zézinho» das Mezas, que o mesmo é, que o mano do sr. Brito Camacho, rapaz novo e magrinho, residente na Aldeia das Magras

Estava lá o pobre do meio-litro de azeite, quando um dia um azeiteiro o comprou por um tostão e o trouxe junctamente com outros n'um coiro muito velho e muito sujo. Chegado a uma terra proxima lá foi novamente medido e escorrido, do coiro para a talha d'um honrado negociante pelo preço de seis vintens.

Tempos depois volta o desgraçado a ser medido, e já com um bocado a menos, mais posto em praça do que um escravo torna a ser vendido pelo preço de sete vintens.

Estava o pobresinho dentro d'uma talha muito porca e muito cheia de fundalhos quando um dia um rapaz muito sebento e muito delicado, com a cara redonda, e o cabello em pé como um ourissó, abrindo uma torneira, e o fez escorrer cá para fora, para dentro d'uma medida de lata, que o desgraçado não encheu, tão escorrido e roubado já estava.

Tinha sido baldeado para uma garrafa branca, onde se encolhera ainda mais pequeno, quando ouviu tenir sobre o balcão nada menos de oito vintens e meio, batidos e rebatidos pelo caixeiro, como elle fora medido e remedido, desde a talha do «Zézinho das Mezas», até á garrafa do palonso que dava oito vintens e meio por elle.

Encheu-se de curiosidade, e sem comprehender a razão porque, quanto mais pequeno mais davam por elle, quiz ver quem era o «palonso.» o «pacovio», o «pagante», que assim tão escorrido o levava por tanta massa.

Deitou a cabeça de fora da garrafa, e viu que era um homem mizeravel e cançado, com a enchada ao hombro, e longos seculos de privações e mizerias ás costas.

Era o «Zé-Povinho», o «Zé-Palonso», o «Zé-Pacovio», o «Zé Pagante»!

Viu-se Grego

P'ra Roma!

Aos padres que não acceitam
a pensão estabelecida na lei.

O' padres lisongeiros e orgulhosos.
Que não quereis a massa que vos dão:
Ou procedeis assim d'embirração,
Ou sois millionarios poderosos!

Reparae que sem bago não ha gosos,
Nem existe a mais futil diversão!
Vá, padres, acceitae essa pensão,
Que é bem de contentar os mais gulosos...

Se não quizerdes ter essa vergonha
Não embolseis a massa! Ha quem a ponha
Em bom logar para que não se escape...

E se virdes que aqui não ganhaes vida,
Fazei bagagens, preparae partida
E ide dizer ao papa que vos pape!...

Bonnevie.

"O MUNDO"

Passou no dia 4 de maio o anniversario do nosso collega *O Mundo*. Embora elle, por modestia, não dissesse nem patavina sobre tal data, nós que não nos esqueciamos, aqui lhe deixamos os nossos cumprimentos.

E ESTA?

Os gatunos assaltaram a matriz de Ilhavo e palmaram mesmo nas bochechas do senhor varias objectos do culto.

E digam lá que os santos não são de gesso...

— A batata nova deixar de estar a 60 o kilo.

— Saber-se em que alturas anda o aeroplano do sr. João Gouveia.

— O Dr. Brito Camacho tomar um banho cada semana.

— O Zé Ilheu deixar de trabalhar 12 horas por dia.

— Os conspiradores deixarem de conspirar.

— Os padres deixarem de protestar contra a lei da separação.

— Acabar d'uma vez as manifestações ao governo provisorio.

— O Rei Luso dar o original a tempo e a horas para ser publicado.

— Os generos alimenticios deixarem de estar pela hora da morte.

— Concluirem-se as obras d'um predio em construcção á esquina da rua dos Condes e Avenida.

— O Carvalhaes endireitar os pés, sempre mettidos para dentro.

— Sahirem os carros da Auto-Omnibus que no tempo da monarchia não sahiam por causa da tutela... monarchica.

— A Companhia dos Electricos tomar juizo e mais o seu querido Zé Gordo.

— Os jornaes diarios educarem o povo, como era de seu dever.

— A Republica ver-se livre das bexigas *adhesivas*.

— As egrejas deixarem de se encher de gente emquanto hover homens e mulheres, rapazes e raparigas.

— Os moralistas-immoralões, os tolos, os casquilhos, os indecentes, os malcreados, os auctorictarios, deixarem de dizer asneiras contra as saias calções.

Leal da Camara

Vem ahi brevemente este magano
Que ha annos abalou para o estranjeiro.
E segundo diz a bocca do Guerreiro
Vem cá fazer conf'rencias, muito ufano.

E' um rapaz catita, simples, lhano,
Talentoso, ridente, prazenteiro,
E não tarda uma loja de barbeiro
Que não esteja em solo luzitano.

Havemos de ir esp'ra-lo á estação
Para que elle não venha de lá só
O que lhe ia ferir o coração,

E viremos cantando *trólaró*
Que nem só o governo, *pois intão*
E' que merece marcha *ó filambó!*

Um da Grecia.

VEJAM LA'

Até já acusaram um operario da casa da Moeda de accumular o seu emprego com a funcção de... criado de meza!

Grande e horrivel accumulação!

PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Grandiosa corrida nocturna em honra dos congressistas

A corrida annunciada para domingo, teve que ficar transferida para a proxima quinta feira, com os mesmos attractivos em virtude do mau tempo.

Toureiam a cavallo Adelino Raposo, Eduardo Macedo, Morgado de Covas e por especial fineza o amador Adolpho Machado, estando a lide de pé confiada aos melhores bandarilheiros portuguezes, os quaes diligenciarão variar o mais possivel a lide a fim de que a corrida resulte magnifica e os excursionistas levem uma grata recordação da bella arte de Marialva.

A' corrida assistem 1300 congressistas para quem a empreza reservou os respectivos logares.

Homenagem ao ministro das finanças

JOSÉ RELVAS

O Complot da trama

Os leitores querem saber como foi organisado o complot que pretendia levar a effeito a restauração da monarchia dos adeantamentos em Portugal?

Vou contar.

Foi n'uma casa de Vigo, escalavrada como as canellas da Burra de Buridau, e que mais parecia um covil de gatunos que um rendez vous sepulchral de conspiradores.

Heroes presentes: O Bispo de Beja, o Conde de Penella, o Marquez de Soveral, o Petiz das Gravatas, adeantadores, galopins, gatunos de mosco, sovaqueiros, burlões vigaristas e esse tal Luiz de S. Pedro que se evadiu do Limoeiro, parece-me que para ir offerecer os seus serviços á causa honrada da monarchia.

Como os leitores vêem a selecta assistencia denotava um perfume grandioso e indicava-me que das sanefas bordadas... e roubadas d'um throno derruido, se poderia, levantar ainda uma historia nova e uma patria redimida!

Foi este sentimento penetrante que me levou a essa reunião de um punhado de bravos.

Assumiu a presidencia o marquez de Soveral, em vista de S. Ex.ª o Bispo de Beja dizer que não tomava assento na cadeira presidencial, não só por ter já o *assento* reservado, mas tambem porque se encontrava feito com um famigerado carteirista em cuja cara corria um bem vinculado traço de navalha.

O Marquez, sempre fino e elegante, com a eterna rosa na lapella mas um poucochinho mais chupado das carochas (coitados! Estes malandros com a queda do Manoelsinho teem passado fome!...) O sr. Marquez, iamos contando, declara aberta a sessão.

Estabelece se logo chinfrim, pois tudo quer fallar ao mesmo tempo, mas a voz aflautada do r. D. Sebastião sae d'um canto e põe termo ao barulho:

— Crédo! E eu que gosto tanto de trabalhar em socego! Soceguem, que estas coisas devagar é que são bôas!

O sr. Soveral:

A... VV. Ex.ªs que está lá fóra um cavalheiro que deseja ser iniciado na conspiração e de cujo serviço ha muito a esperar!

Um assassino:

— Que entre já esse gajo! Sempre é mais um!

Entra o homem. Este mettia mêdo até ao Machado dos Santos!

Era a verdadeira estampa do criminoso! Pela cara havia vestigios de todos os crimes! Que susto!

O sr. Soveral:

—V. Ex.ª vae ser iniciado. Deve portanto ser submettido a um rigoroso exame.

O novato:

—Venha de lá isso! Se o exame consta de naifa, não hei-de andar mal, com certeza!

O Bispo de Beja, encostado ao tal de que fallei ha pouco:

—Bravo! Gosto assim d'um teso! Se fossem todos como este! Mas ha muitos a quem viro as costas sem receio!

O outro lá continuava encostadinho ao bispo. E cada vês mais vermelho, o maráu!

Entretanto o marquês continua para o recem chegado.

—Vou então fazer umas perguntas a que responderá. Sabe mentir?

—Sei menos mal.

—Sabe roubar?

—Muito bem!

—Sabe matar?

—Optimamente e de todos os feitios! Tenho 40 entradas no Limoeiro! Total 40 mortes! E ainda ha homem!

—Qual a coisa que mais ama, a patria ou os seus interesses!

—Se não fosse ser você quem é, mandava-o já para a terra da louça prêta! Pois que ha de ser? Os meus interesses!

A patria!!! Que se governe...

Uma salva de palmas irrompe estrondosamente, cortada de innumeros vivas:

—Viva o Joaquim Mulato!

—Viva o grande heróe Luiz de S. Pedro! Viva o novo conspirador!

Tudo deu palmas, excepto o bispo que tinha as mãos occupadas e o outro não deu tambem, por estar quasi sem forças. Que commoção!

Continua o grande diplomata:

—Vamos agora estabelecer uns nomes de guerra. Eu enuncio as pessoas e os camaradas dão-lhe os nomes d'honra! Que nome deve ter o Chico?

Depois de alguns minutos ficou resolvido que se chamasse Chiqueiro.

—E o Lamas?

—Lameiro!

—E o Piteira?

—Piteireiro!

—E o Penella?

—!!!!!!

... E aquellas boccas iam já dizer n'um só brado o nome que competia ao homem, quando do canto salta a vozinha aflautada e apa... (Quando me lembro d'isto!...) e apavorida do Bispo, que a limpar as mãos do suor, * dizia:

—Crédo! Eu tambem quero um nome! Reservem-me esse que é bonito e é proprio d'um monarchico d'alma e co... co... co... ração como eu! E o grande prelado de commovido engasgara se.

O que estava encostado a elle é que ficou um pouco atrapalhado...

Pela casa passou um oh! de admiração e a melhor élite presente começou a juntar se em redor do bispo!

Ao mesmo tempo o Soveral dizia:

—Devemos combinar agora quem ha-de assassinar os ministros... Um gatuno de mosco:

—Eu mato o Antonio Zé!

Um sovaqueiro:

—Eu o Brito Camacho!

Um vigarista:

—Eu mato-os a todos!

O Bispo de Beja, cada vez mais rodeado:

—E eu não mato ninguem?

Aparte d'um ladrão de estrada:

—Você, seu saia-calção, vá matar soldados para as praças publicas!

—Credo! Muitos d'uma vez, não! Uns dez ou dôze ainda m'avinha com elles! Ora!... Tenho corpo para despachar muita gente! Havia de dar, por isso não me importava de levar bastante! Mesmo que fôsse por traz, á traição!...

Oh! Bispo que foste dizer! Estabelece-se um barulho infernal. Lança-se tudo sobre o prelado que não resiste e levam-no para o quarto contiguo. Fecham a porta! O resto não sei. Gemidos abafados e longos suspiros, eis o que ouvi...

E não se resolveu nada! Com franqueza, se aquelle complot não vingasse, não vingava nenhum! Pois quem haveria mais intelligente e trabalhador do que aquella sucia de ladrões assassinos e sodomitas?

O corpinho do Bispo é que pagou as favas! Foi uma geral desillusão!

Bonnevie

* Do Corpo d'outro.

O sr. Pinto de Sacavem vae publicar um livro intitulado «flôres de Arte» Deve ssr um livro feito a nove!

—Que a menina D. Amelia
Não se dá bem co'a famelia
—Que o famoso padre Mattos
Entrou no rol dos pacatos.
—Que ha p'r'ahi muito patego
Que tem mais do que um emprego.
—Que ao cel'bre bispo de Beja
Não ha pessoa que o veja.
—Que o menino radioso
Tem saudades do «Gazoso».
—Que o colega «Viu-se Grego»
Anda á busca d'um conchego.
—Que entre os bispos, o do Porto
E' de todos o mais torto
—Que Affonso Costa, a brincar
Já o fez endireitar.
—Que ha p'r'ahi muito «thalassa»
Que sem difamar não passa.
—Que os atura o todo o instante
O governo tolerante.

Zé Ilheu

Ora toma!

Dizem os sabios da Academia de Paris que as mulheres crescem e os homens... minguam.

Pois meninos, teem bom remedio:

Quando os mandarem para cá, mandem os maiores um boccadinho!

Era d'aqui

Já se anda a fallar nas festas do anniversario da Republica. Nós propomos uma marcha *ó filambó* de adhesivos.

Seria de um effeito surprehendente... com bandeiras azues e brancas—verdes e encarnadas!

Arthur Rocha (Loreno)

Este nosso amigo e camaraduncho deixou de fazer parte da redacção do *Adhesivo* desde o dia 5 do corrente, por sua livre e expontanea vontade

O POEMA DA RUA

XV

Em que o auctor, de enlevado que ia tangendoo a lyra, cáe dentro d'uma cova aberta n'uma das ruas da cidade, perdendo,—immediatamente os sentidos; tal como succedeu ao mestre Dante ao transpôr o limiar do seu «Inferno».

«E caddi come l'uom cui sonno piglia».

....
....
....
....
....
....
....
....
....
....
....
....
....
....

Manuel Chagas.

No proximo numero segue... a dança.

Modas de vêr...

Sua Ex.ª D. Moda

D. Moda está na ordem do dia. Em toda a parte na Europa, na America, nas grandes cidades, e nas pequenas aldeias onde penetre um numero d'um jornal illustrado ella é o objecto das mais variadas opiniões. Uma moda que apparece—não ha mal em o dizer—faz maior revolução que uma ideia nova.

A multidão agitou-se no dia em que uma simples *travadinha* — uma entravada da civilisação! — apparece na Avenida mal podendo mover se d'entro d'uma saia-sita de creança, affirmando praticamente que falta á mulher o que o homem tem de mais... nas modernas calças com metro e meio de largo. Pensava eu que ainda estava para longe e nova modinha, quando rebenta um escandalo maior: a primeira *jupe-culote*. A mulher quiz por força meter as pernas delicadas nas calças dos homens.

Em breve teremos, como já hoje em Paris, como em Roma, como em Londres, como em Vianna como em Nova-York, andando pela rua, estonteantes e garbosas as nossas lindas mulheres aligeiradas no seu traje quasi masculino.

A *saia-calção*, meus carissimos amigos, tem antes de tudo uma feição puramente *feminista*, isto é marca o avanço da mulher, que quer apressar-se a subir escadas depressa e a jogar o *foot-ball*.

Ha quem aponte para a saia calção razões politicas: só de calças se póde ir ao Parlamento. Razões sociaes: para as diversas manifestações da vida commum é necessario a egualdade do traje. Geometricas: a recta é a mais curta distancia entre dois pontos e a calça é menos *curva* que a saia.

Eu sou irreductivelmente contrario á *jupe-cullote*. Pódem apresentar-me mil e um argumentos que para mim a saia calção é uma vestimenta austera, freiratica, furiosamente moral. Acaba-se d'aqui para o futuro o encanto dos dias de chuva, a maravilha das apparições de tornozellos divinos nas horas da ventania e aquelle delicioso *frou frou* das saias que constituia como que um prologo delicioso das scenas amorosas. Mas ainda não é tudo. O que afinal de contas se torna mais interessante é o facto de haver homens, a quem, como consequencia ou moda nova, não desagrada o uso de saias.

Que fallé o sr. Bispo de Beja!...

Ha pouco tempo no Brazil — li no *Estado de S. Paulo* — foi preso um homemsito, que andava vestido de saia, camisa e blusa. Interrogado sabe o uso das vestes femininas declarou que arranjou tal roupa para o Carnaval e tendo-se dado bem com ella resolveu usal a sempre, o que julgava não ser crime porque soube que as mulheres adoptaram o uso da roupa dos homens. Acho — declarou emphaticamente o pobre diabo — *que os direitos são eguaes*.

Que diabo! o homem afinal está com a logica, menos na parte que se refere á mulher ter um *direito* como o homem!...

ALBERTO BARBOSA

Pois claro

Andam para ahi as más linguas a buzinar que o D. Carlos se adeantou com tres mil e tantos contos.

Ora essa! Por isso pagou cento e quatro e adeantava-se com outros trez mil e picos se o aturam mais tempo!

Aquilo era um homem honrado.

A um maçador

Não me venhas pedir da lyra harpejos
Porque d'isso não pésco «patavina»;
Os meus cantos não são para menina
Doutorada nas aulas de solfejos.

Entro no rol dos poetas caranguejos,
Sem maldizer, comtudo, a minha sina;
Não penso em dar á luz obra divina
Contento-me em rimar simples gracejos.

Ouve e repara bem no que te digo:
A meu estro emperrado e tão ronceiro
Não venhas recorrer, illustre amigo.

Mas para te servir serei primeiro,
Pódes, podes contar sempre commigo
Quando precises toques de pandeiro!

ESOPO

Ora o incendiario?

Um maduro quer que se convide o commercio da Capital, a conservar as lojas accesas, para os turistas verem.

Lojas *accesas*, e bombeiros á porta?... Está combinado.

Quem tem c...ração tem medo

Fugiu de Agueda um typo chamado Beco por estar implicado n'uma conspirata.

Ai nada não havia de fugir!...

Elle bem sabia que esta coisa de conspiratas era um *beco* sem sabida!

Trez mil, trezentos e cincoenta contos e picos, foi a soma caladinha com que o D. Carlos se adeantou.

Mizerias, ninharias...

Coitadito

O pobre D. Manuel, ainda não arranjou uma pequena que quizesse casar com elle.

Pobrezinho!.... Querem ver que fica para tio?!

Noticiam os jornaes que em Guimarães o sr. Padre Santo vibrou seis facadas n'um operario.

Querem vocês ver que é a santidade a «amar os outros como irmãos?

Epigrammas

(de Viu-se Grego)

VIII

Se o ultimo suspiro exh la
O pobre vae para a valla
Sobre umas tabuas já velhas;
Morre o rico, a «magestade»
Vae p'ró «campo da egualdade»
Puxado a quatro parelhas!

IX

Nunca á porta do ricaço
Bate o pobre com cansaço
Sem esmola receber,
Pois o que usa de *excelencia*
Da lhe um *tenha paciencia*
E mais um *não pode ser*!

ANIMATOGRAPHOS

Chiado Terrasse, Rua Antonio Maria Cardoso; Terças e sextas sessões da moda.
Foz, cinema e variedades.
Royal Cine Palais, Feira d'Alcantara.
Anjos, Revista «De Mansinho».
Olypia, o salão mais moderno.
Moderno, o theatro mais ideal.
Ideal, o cine falado unico; o salão mais central.
Central; estreias de agrado; magnifico sexteto.

Composto na *Pilorra do Zé Pimenta*.

A CELEBRE REUNIÃO

(O do pulpito): E' preciso protestarmos contra a lei da separação.
— Então meu lindinho vaes-te embora! . . .
— Vou, porque comigo não fazem farinha.